

Suplemento Cultural

Monteiro Lobato Que homem foi Monteiro Lobato. Cheio de ideias, de ação, de combatividade

RAQUEL NAVEIRA

No fundo da caixa de fotografias antigas, encontrei: meu avô e eu, de mãos dadas, no Sítio do Picapau Amarelo, em Taubaté. Foi um dia maravilhoso. Eu, uma criança apaixonada por Monteiro Lobato, que leia toda a coleção com encantamento e curiosidade, estava ali, no lugar em que ele nasceu; passou sua infância; brincou entre as árvores, os cafezais e a cachoeira. Chamou-me a atenção o cruzeiro em frente da casa colonial: um marco, um ponto de partida para tempos de fé, sofrimento, escravidão, ouro, bandeirantes espalhados pelas serras e pelos morros.

Andei por todo o sítio, acompanhada pela sombra de meu avô, que mais parecia um anjo, um espectro de Virgílio conduzindo Dante pelas paragens sobrenaturais. Na sala e na varanda imaginei Dona Benta na cadeira de balanço, conversando com seus netos, Pedrinho e Narizinho, a menina Lúcia Encerrabodes de Oliveira. Na cozinha, entre louças e moedores de ferro, vi tia Nastácia mexendo no fogão o caldo de suas crendices e de seus doces de frutas. E lá, na entrada da floresta, ninho de onças e índios, capão do mato, vislumbre do tio Barnabé, com seu cachimbo, contando histórias de sacis, mulas-sem-cabeça e caiporas.

E por toda parte, correndo espoleta, a boneca Emília me desafiava, mostrava a língua e se escondia atrás da figueira, sob cuja sombra, o sábio Visconde de Sabugosa montara o seu

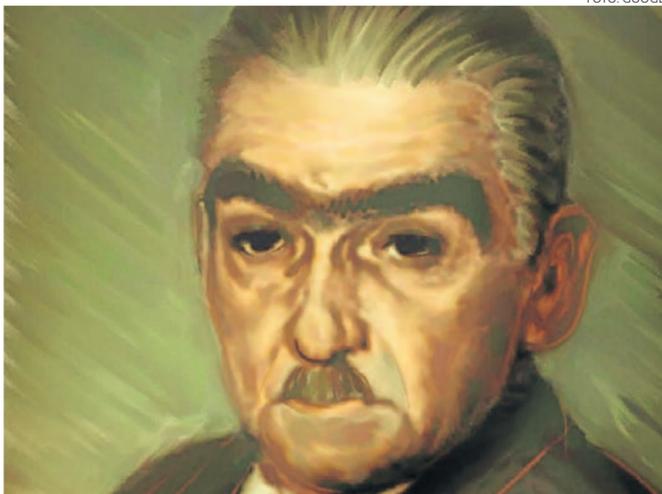
laboratório de vidros coloridos.

Que homem foi Monteiro Lobato. Cheio de ideias, de ação, de combatividade. Sempre teve força e coragem para recomeçar, desejo de que o Brasil melhorasse, que elevasse as condições de vida do seu povo, que descobrisse o potencial de seus recursos.

Naquela tarde longínqua, eu e outras crianças da minha escola, estávamos, depois de ler o livro O Poço do Visconde, que mostra os personagens provando a descoberta profética de um poço de petróleo no Sítio, o que só ocorreria oficialmente em 1939, quando jorrou o primeiro poço num bairro da periferia de Salvador, participando de um concurso promovido pela Petrobras. O papel de Monteiro Lobato nas campanhas em favor do ferro e do petróleo, do desenvolvimento industrial do país era exaltado pela empresa.

Para o escritor, o petróleo seria a solução, a independência financeira da nossa pátria. Jamais ele sonharia com o que passamos hoje: a operação Lava Jato investigando um grande esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras, empreiteiras e políticos. Foi por apostar na existência de petróleo no solo brasileiro, que ele ficou preso injustamente por três meses, em 1941, no governo Getúlio Vargas. Quantas batalhas quixotescas travou esse gênio, sonhador e visionário.

De um lado, Monteiro Lobato foi alguém rebelde contra a estrutura oligárquica do poder vigente, um na-



MONTEIRO LOBATO – Escritor eclético, destaca-se como precursor da autêntica literatura infantil brasileira

“

Para o escritor, o petróleo seria a solução, a independência financeira da nossa pátria. Jamais ele sonharia com o que passamos hoje: a operação Lava Jato (...), envolvendo a Petrobras, empreiteiras e políticos”

cionalista preocupado com a miséria do povo e consciente de que a prosperidade das elites dependia dela. Por outro lado, na prática, acreditava no capitalismo, na iniciativa privada, pois tinha horror à corrupta máquina do Estado, que abastece com dinhei-

ro público os caixas dos partidos.

Desiludido e crendo que somente as crianças poderiam modificar o mundo, escreveu para elas de forma lúdica, com toda alma. Escreveu especialmente para mim, abriu as portas de meu imaginário para sempre. Jamais esqueci do casamento de Narizinho com o Príncipe das Águas Claras; das aventuras e caçadas de Pedrinho; do passeio pela Via-Láctea e pelas constelações; das estripulias da Emília reformando a natureza, alterando a forma e o tamanho das coisas; do universo da Mitologia Grega com seus deuses e heróis; da realização de me sentir amiga pessoal do Peter Pan, da Cinderela e da Branca de Neve; de conhecer personagens da História Universal como Cleópatra, Hans Staden e Napoleão.

Enfim, lá estava eu, de mãos dadas com meu avô, em frente ao coreto da casa de Monteiro Lobato, afirmando em meu espírito o quanto eu gostaria de me tornar uma escritora como ele.

Fantasia, sonhos, realidades são as matérias de vida presentes e unidas no Sítio do Picapau Amarelo, penso, enquanto guardo novamente a foto, no fundo da caixa.

A Primeira Igreja de Campo Grande

J. BARBOSA RODRIGUES

Em 1877, passados quase dois anos de sua chegada. José Antônio procurou cumprir a promessa feita a Santo Antônio, quando de passagem pela então Vila de Sant'ana de Paranaíba.

Em um ponto mais elevado do nascente povoado, nas proximidades da atual matriz de Santo Antônio, quase no centro da hoje Rua 15 de Novembro, foi construída a primeira igreja de Campo Grande.

Armada em esteio de arceira, as paredes de taipa, com três portas na frente, e também coberta de folhas de bacuri, como os ranchos, erguia-se em breve a capela do milagroso santo que passou a ser considerado padroeiro do lugar.

O povoado, ainda em formação, ficou conhecido, dessa época em diante, como Santo Antônio de Campo Grande da Vacaria.

A denominação Campo Grande foi adotada em virtude das vastas campinas que se estendiam pelos arredores, e Vacaria por ser a nascente povoação localizada na região conhecida por esse nome desde tempos imemoriais. Ayres do Casal, em 1817, já escrevera: “O centro da parte setentrional desta província é designado, nos roteiros dos sertanistas e cartas, com o nome de Vacaria, por causa do gado vacum, que ali ficou disperso quando os paulistas fizeram desalojar os moradores da cidade de Xerez, e das cinco aldeias circunvizinhas, que formavam aquela pequena província de que aquela era cabeça”.

Segundo Nelson Werneck Sodré, que escreveu alentado volume sobre o desbravamento e povoação do sul mato-grossense, denominava-se Vacaria a região compreendida entre os rios Paraná, \cabeceira do rio Pardo e as serras de Maracaju e Amambá. M. Cavalcanti Proença assim a descreve: “Campos e campos a perder de vista, levemente ondulados, sugerido até como solução estética, a presença do gado, pontilhando de claro ou escuro a monotonia do verde”. Por sua vez Mário Monteiro, referindo-se à Vacaria, assim escreveu: “...formosos campos de forragem nativa se alongavam a perder de

vista, como um oceano verde de suaves ondulações, com pequenas manchas de capões de tonalidade mais acentuada, compondo uma paisagem de empolgante e serena beleza”.

No dia 13 de junho, dia de seu padroeiro, inaugurava-se o, pra a época, imponente templo.

No adro, de braços abertos, foi fincado um cruzeiro, de arceira lavrada, que só foi retirado dali em 1920, quando se demoliu a igreja.

Ao lado direito do templo, pendente de uma trava, pendurou-se um pedaço de ferro batido, que fazia as vezes de sino, proclamando os fiéis devotos a elevarem seus corações para o Alto.

Uma estampa do santo, comprada especialmente para esse fim, foi erguida na ponta de um mastro, todo enfeitado com flores, fitas coloridas e alguns frutos da terra.

À noite, acendeu-se enorme fogueira, logo depois do terço cantado em coro, como se usa entre os caboclos de Minas Gerais.

Não satisfeito com a precária cobertura da igreja, José Antônio foi com duas carretas até as proximidades de Camapuã, de onde trouxe telhas de barro que outrora cobriam, naquelas paragens, antigo templo que estava na época reduzido a ruínas. Junto com essas telhas veio um pequeno e velho sino, que substituiu o pedaço de ferro que conclamava, até então, o povo para as rezas na igrejainha.

Por volta do ano de 1880, quando tudo indicava que um novo povoado estava se deslanchando, José Antônio Pereira “doou, no pontal dos córregos Prosa e Segredo, um patrimônio de terras destinado ao rocio da Vila de Santo Antônio de Campo Grande”, segundo afirmação de J. R. de Sá Carvalho.

Em 1888 chega ao arraial, procedente de Corumbá, um segundo sino para igreja, oferta de João Pereira Martins.

Já quase ao findar do século passado, a vida da povoação crescia no Oeste, entre festas religiosas, labuta diária na lavoura, e comentários ferinos e mordazes de alguns habitantes, que se reuniam à sombra de acolhedora figueira bravia.

Nossa Fome de Pão

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Tenho lido com frequência artigos um tanto indignados (e meio pretensivos) sobre o fato de a culinária ter se tornado uma profissão disputada em nossos dias, ou sobre a quantidade de programas dedicados à gastronomia nos canais de televisão e o grande número de revistas e livros sobre o assunto. Tenho uma opinião muito segura sobre o assunto: acho bárbaro! Qual o problema? Minha mãe foi quituteira e assinaria embaixo com certeza. “Dona Benta” foi o presente de casamento que ela recebeu de minhas tias.

Dentre as artes do fazer que constituem a nossa cultura, cozinhar traduz não apenas o privilégio de ter acesso ao alimento, como também uma consideração para com os sabores da terra, aqueles que vêm do alimento semeado, plantado, colhido pelo homem. Acho sublime uma plantação de trigo que depois vai satisfazer a nossa fome de pão. Cozinhar é uma forma de dar graças a La vida!

Mas, principalmente, cozinhar, fazer doces, pães, bolos e o que mais se queira são parte da minha vida e chave das muitas lembranças felizes. Acho que nasci em torno de uma mesa. Lembrome de, pequena, atravessar a rua, entrar na casa da minha madrinha Albertina e, admirada, ver surgir diante de meus olhos aqueles bolos maravilhosos, árvores de fios de ovos e flores de açúcar. Até hoje posso sentir o toque macio do glacê, de quando ela fazia uma flor na minha mão de criança e eu podia, então, saborear aquela doçura! Passava horas li, de joelhos na cadeira, bebendo água fresquinha do pote de barro, no copo de cristal cor-de-rosa, olhando aquele mundo cheio de doces odores. Nos meus aniversários soprei todas as velinhas de felicidade a que tive direito.

Uma vez por mês havia a lida do porco e todos iam pra casa da minha avó Candinha. Só se joga fora os pelos do animal. Tudo o mais se aproveitava: as carnes, o couro, a gordura. E o cheiro de tudo aquilo sendo partido, cozido, partilhado entre todas as casas da família. O cheiro do pernil assado, do torresmo frito e escorrido, das latas de banha que iriam garantir a conservação das carnes nos guarda-comidas, numa época de ainda poucas geladeiras e, inexplicavelmente, muita saúde. Do pão saindo do forno de barro. Adorava ver as bolinhas da massa subirem no copo d'água indicando seu crescimento. Tudo parecia muito mágico aos meus olhos de criança. De tudo isso, fica a lembrança da alegria de todos unidos pelo alimento.

Parece até que as minhas avós e tias nasceram sabendo cozinhar. Minha mãe, Basti, aprendeu e me ensinou. Acho digno. Até hoje temos grandes reuniões de família em torno da mesa. Quando vejo meus filhos, sobrinhos e primos se dedicarem também a este fazer, penso que não poderia ser diferente. Chamamos a isso, afetuosamente, *menegazear*.

POESIAS

OS MANDURUVÁS

Bem na frente de casa há um coqueiro
Daqueles importados da Bahia...
Observando-lhe a folhagem, via
Que, de farta, encobria o céu inteiro.

Como era exuberante o companheiro!
Porém, ao contemplá-lo, certo dia,
Vi que das folhas talos só havia
Contra um céu que os fitava sobranceiro...

Adivinhando a causa sei que estás:
A fome dos fatais mandorovás,
Futuras borboletas coloridas...

Quanta gente, qual larva sem consciência,
Para poder chegar lá na opulência
Faz em talo o verdor das nossas vidas!

GERALDO RAMON PEREIRA

MARCAS

Marcas compassadas
no tempo que corre,
marcas esculpidas
na alma que chora,
que sorri, que canta...
Marcas deixadas,
que a plástica perfeita
esconde
nas cicatrizes dolorosas
que o tempo se encarrega
de amenizar...
O tempo,
no seu compasso,
e a vida no seu espaço
buscam juntos
a solução.

ELIZABETH FONSECA

APOCALIPSE

No dia em que, na Terra apodrecida,
Abrir-se um abismo unindo os hemisférios,
E os mortos ressurgirem para a vida
Num turbilhão de miasmas e mistérios...

No dia em que os pecados, deletérios,
Pesarem tanto sobre a crosta roída,
Que o globo se cobrir de cemitérios
E o homem notar que a hora está vencida...

Começará tudo a morrer no mundo.
Então, despida do envoltório imundo,
A humanidade inteira se evapora...

Cobrem-se os horizontes de fuligens,
O orbe terrestre tomba entre vertigens,
Deus volta à cena... e a Natureza chora!

ALTEVIR ALENCAR

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

EVENTO CULTURAL ‘CHÁ ACADÊMICO DA ASL’ ACONTECE NA PRÓXIMA QUINTA - A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), apresentará na quinta-feira (26/03), às 19h (na sede da ACP - Rua 7 de Setembro, subseqüina com a Rui Barbosa), o seu tradicional evento cultural *Chá Acadêmico*.

Na ocasião, haverá uma concisa palestra literária ministrada pelo acadêmico Hermano de Melo, que discorrerá sobre o tema “O regionalismo de José Lins do Rego”. Aguardado por todos, o *Chá* acontece mensalmente e reúne os acadêmicos e seus familiares, além de convidados do sodalício.